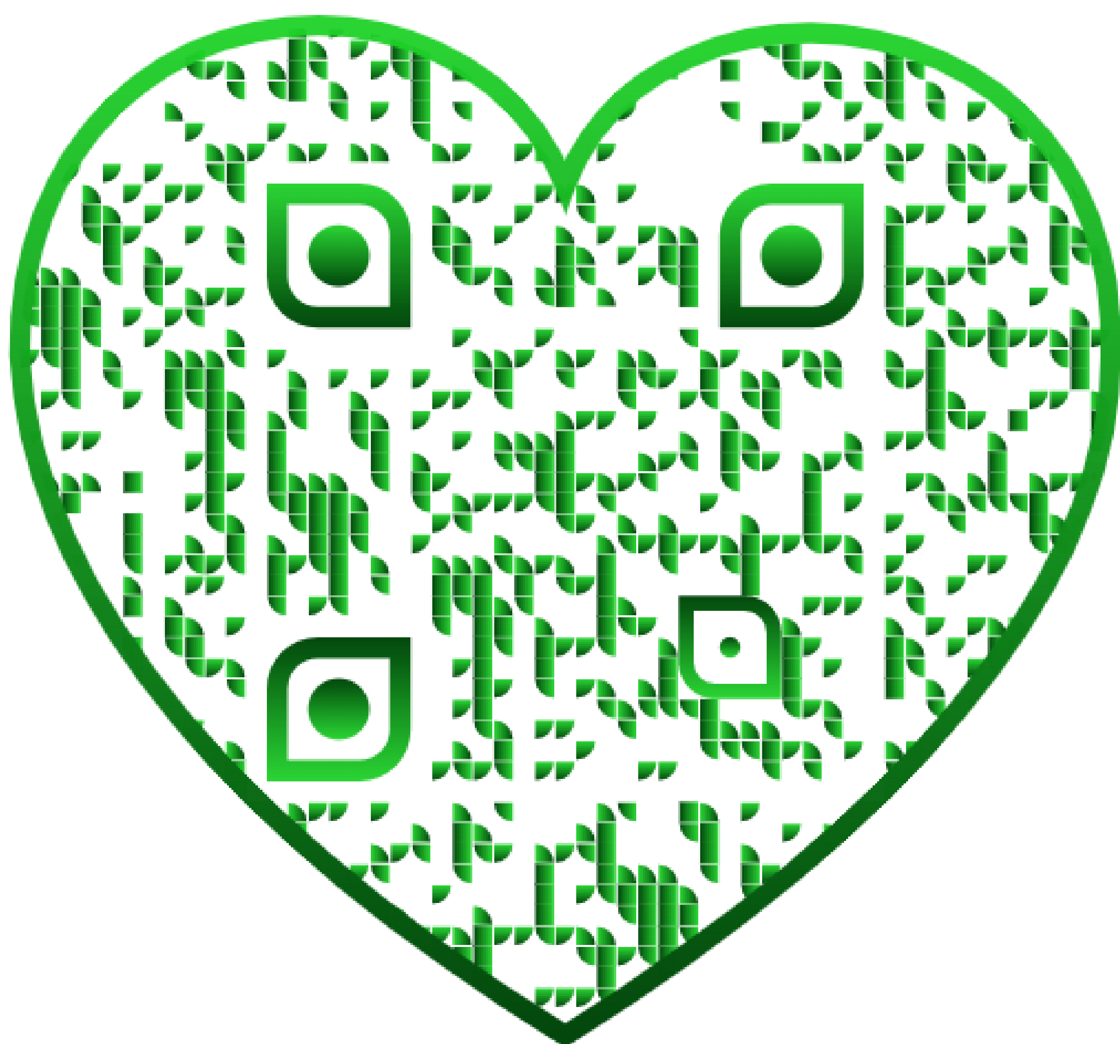
Saga
Acampamento
Shadow Falls

C. C. Hunter

Nascida à Meia-Noite

OS SOBRENATURAIS

JANGADA



NASCIDA À MEIA-NOITE

OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter

NASCIDA À MEIA-NOITE

OS SOBRENATURAIS

Tradução:
GILSON CÉSAR CARDOSO DE SOUSA
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título do original: Born at Midnight.

Copyright © 2011 C. C. Hunter

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento-Cultrix Ltda. não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação editorial: Denise de C. Rocha Delela e Roseli de S. Ferraz

Revisão de linguagem: Giovanna Rocha Delela

Revisão: Maria Aparecida Salmeron

Diagramação: Fama Editoração Eletrônica

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance, são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunter, C. C. Nascida à meia-noite : os sobrenaturais / C. C. Hunter; tradução Gilson César Cardoso de Sousa. — São Paulo : Jangada, 2011.

Título original: Born at midnight. ISBN 978-85-64850-00-2
1. Ficção norte-americana I. Título.

11-08330 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Edição	Ano
1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11	11-12-13-14-15-16-17-18

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix

Direitos de tradução para o Brasil
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: 2066-9000 — Fax: 2066-9008
E-mail: atendimento@pensamento-cultrix.com.br
http://www.pensamento-cultrix.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

Para Lilly Dale Makepeace.
Seu sorriso me dá a certeza de que a magia
continua viva e saudável neste nosso velho mundo.

Agradecimentos

Dizem que é preciso uma aldeia para se criar um filho; bem, para colher a centelha de uma ideia e transformá-la em livro, também. Quero, primeiro, agradecer à minha editora, Rose Hilliard. Sua confiança em mim significa muito mais do que você possa imaginar. Os outros habitantes da aldeia são: meu marido, solidário ao ponto da perfeição. Vou amá-lo para sempre, querido! Minha agente Kim Lionetti, que ajuda a transformar meus sonhos em realidade. Qual será o próximo, Kim? Os anjos da aldeia, parceiros críticos e família literária: Faye Hughes, Jody Payne, Suzan Harden e Teri Thackston. Garotas, obrigada pelo apoio; mas obrigada, sobretudo, pela amizade.

Capítulo 1

— Isso não tem graça! — resmungou o pai.

Não, graça nenhuma, pensou Kylie Galen abrindo a geladeira para pegar uma bebida. Na verdade, tão pouca graça que ela gostaria de poder se esgueirar para dentro da geladeira, se encolher entre a mostarda e cachorros-quentes bolorentos e fechar a porta para não ouvir mais as vozes irritadas que vinham da sala.

Lá estavam seus pais brigando de novo!

Não que aquilo fosse durar muito, pensou ela enquanto observava o vapor escapando pela porta da geladeira.

Hoje ela sabia que o pai iria embora!

Kylie sentiu um nó na garganta. Engoliu a emoção em seco e se recusou a chorar.

Aquele devia ser o pior dia da sua vida. E ela já vinha tendo alguns muito ruins ultimamente. Um cara desconhecido na sua cola, Trey terminando o namoro com ela e os pais anunciando o divórcio — caramba, era desgraça que não acabava mais! Seria então de admirar que seus terrores noturnos tivessem voltado com tudo?

— O que você fez com a minha cueca? — O grito do pai penetrou na cozinha, meteu-se pela fresta da porta da geladeira e ficou pairando em volta dos cachorros-quentes.

A cueca dele? Kylie pressionou uma latinha gelada de refrigerante contra a testa.

— O que eu iria fazer com a sua cueca? — perguntou a mãe com aquela voz de "não estou nem aí". Era bem sua mãe, ela nunca estava nem aí. Fria como gelo.

Kylie olhou pela janela da cozinha o quintal, onde há pouco tinha visto a mãe. E ali, da grelha da churrasqueira ainda fumegante, pendia a cueca do pai.

Que beleza! A mãe tinha feito churrasco da cueca do pai. Só isso. Kylie nunca mais comeria nada do que fosse assado naquela grelha.

Tentando conter as lágrimas, ela devolveu a latinha ao refrigerador e foi até a porta da sala. Talvez, se a vissem, parassem de agir como crianças e deixassem que ela fosse a adolescente ali.

O pai estava no meio da sala, segurando na mão uma cueca. A mãe, no sofá, bebericava com a maior calma um chazinho quente.

— Você precisa de tratamento psicológico! — gritou ele para a mulher.

Dois pontos para o pai, pensou Kylie. A mãe realmente precisava de ajuda. Mas então por que era Kylie que tinha de ficar estendida no divã da analista duas vezes por semana?

Por que o pai — o homem de quem, todos juravam, ela conseguia tudo — é que precisava ir embora, abandonando-a?

Kylie não o censurava por querer deixar sua mãe, a Rainha do Gelo. Mas por que não levava Kylie com ele? Outro soluço sufocado na garganta.

O pai virou-se e a viu; em seguida, entrou no quarto, obviamente para guardar o resto de suas coisas — menos a cueca, que naquele momento fazia sinais de fumaça na churrasqueira do quintal.

Kylie ficou parada olhando a mãe, que remexia em pastas de trabalho como se aquele fosse um dia igual a qualquer outro.

As fotos emolduradas de Kylie e o pai, na parede acima do sofá, chamaram sua atenção e encheram seus olhos de lágrimas. Tinham sido tiradas durante as excursões anuais que os dois faziam juntos.

— Você tem que fazer alguma coisa! — implorou.

— Fazer o quê? — perguntou a mãe.

— Convencê-lo a ficar. Peça desculpas por ter assado a cueca dele. — *Que lamenta ter água gelada nas veias.* — Faça qualquer coisa, mas não deixe que ele vá embora.

— Você não compreende. — E com isso a mãe, sem um mínimo de emoção, voltou aos seus papéis.

Nesse momento o pai, de mala em punho, atravessou a sala. Kylie correu atrás dele até a porta que se abria para a tarde sufocante de Houston.

— Me leve com você — pediu, sem esconder as lágrimas. As lágrimas talvez ajudassem. Antes, quando chorava, conseguia o que queria dele. — Eu não como muito — fungou, tentando fazer graça.

Ele balançou a cabeça, mas, ao contrário da mãe, pelo menos tinha alguma emoção nos olhos:

— Você não compreende.

Você não compreende.

— Por que vocês estão sempre dizendo isso? Já tenho 16 anos. Se não compreendo, então me expliquem, me contem o grande segredo e pronto.

Ele olhou para os pés como se aquilo fosse um teste e as respostas estivessem na ponta dos sapatos. Depois, suspirando, ergueu os olhos:

— Sua mãe... precisa de você.

— Precisa de mim? Está brincando? Ela nem me quer aqui! — *Nem você me quer*. Essa constatação fez com que o ar se imobilizasse em seus pulmões. Ele na verdade não a amava.

Enxugou uma lágrima na bochecha e olhou de novo para ele. Só que agora, em vez do pai, Kylie via o soldado Dude*, que vivia atrás dela. Ali na rua, trajava o mesmo uniforme militar de antes. Parecia ter acabado de sair de um daqueles filmes sobre a Guerra do Golfo de que sua mãe tanto gostava. Só que, em vez de disparar para todos os lados ou voar pelos ares, ele permanecia imóvel, olhando para ela com um ar triste, mas muito assustado.

Ela o surpreendeu espreitando-a há algumas semanas. Nunca falaram um com o outro. Mas, no dia em que ela o apontou para a mãe e a mãe não o viu... bem, o mundo de Kylie saiu dos eixos. A mãe chegou à conclusão de que ela tentava chamar a atenção ou coisa pior. E quando dizia “coisa pior” ela se referia ao risco de Kylie estar perdendo contato com a realidade. Sem dúvida, os terrores noturnos que a atormentaram quando criança tinham voltado, mais assustadores ainda. A mãe disse que um analista poderia ajudá-la a superá-los — mas como, se Kylie nem sequer se lembrava deles? Só sabia que eram ruins. Ruins o bastante para fazê-la acordar gritando.

Kylie queria gritar agora. Para que o pai se voltasse e visse o soldado Dude — provando assim que ela não estava maluca. Talvez, se ele realmente visse o homem que a perseguia, ela não precisasse mais ir à analista. Aquilo não era justo.

A vida, porém, não é justa, conforme sempre lhe lembrava a mãe.

---

* *Dude* (gíria), termo genérico usado informalmente com referência a uma pessoa qualquer; cara, sujeito.

Mas, quando Kylie olhou de novo, ele já tinha ido embora. Não o soldado Dude, mas seu pai. Ela caminhou até a porta da garagem e o viu colocando a mala no banco de trás do Mustang vermelho conversível. Ao contrário do pai, a mãe nunca gostou daquele carro.

Kylie correu até ele.

— Vou pedir pra vovó falar com a mamãe. Ela vai conseguir...

Mal essas palavras escaparam dos lábios de Kylie ela se lembrou do outro grande acontecimento trágico de sua vida.

Não podia mais pedir que a avó resolvesse seus problemas. A avó estava morta. A imagem dela deitada, fria, no caixão dominou a mente de Kylie e outro soluço brotou em sua garganta.

O olhar do pai demonstrava agora preocupação. O mesmo olhar que levara Kylie para o consultório da terapeuta três semanas antes.

— Estou bem. Só esqueci. — Porque a lembrança machucava muito. Sentiu uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto.

O pai se aproximou e a abraçou. Esse abraço durou mais do que qualquer outro, mas terminou cedo demais. Como ela podia deixá-lo ir? E ele, como poderia abandoná-la?

Os braços do pai se soltaram e ele a afastou.

— É só me telefonar, meu bem.

Contendo as lágrimas, odiando a própria fraqueza, Kylie acompanhou o conversível vermelho do pai ficando cada vez menor à medida que descia a rua. Precisando muito ficar sozinha em seu quarto, correu para dentro de casa. Mas então, lembrando-se, olhou para o outro lado da rua. Será que o soldado Dude já tinha desaparecido num passe de mágica, como costumava fazer?

Não. Continuava lá, observando, espionando. Deixando-a morta de medo e, ao mesmo tempo, muito irritada. Era por causa dele que Kylie tinha que ir à analista.

Então a sra. Baker, sua vizinha idosa, saiu para apanhar a correspondência. Sorriu para Kylie, mas nem sequer uma vez a velha bibliotecária reparou no soldado Dude bem ali, de pé em seu jardim, a menos de um metro de distância.

Muito estranho.

Tão estranho que um calafrio desceu por sua espinha, o mesmo calafrio que sentiu durante o funeral da avó.

O que estaria acontecendo?

Capítulo 2

Uma hora depois, Kylie desceu as escadas com a mochila nas costas e a bolsa no ombro.

A mãe a deteve na porta.

— Você está bem?

Como eu poderia estar bem?

— Vou sair — foi a única resposta de Kylie. Mais do que tinha conseguido dizer sobre a avó. Na ocasião, ela tinha notado o batom vermelho-brilhante que a funerária tinha aplicado no cadáver da avó. *Por que não tira essa droga da minha boca?*, Kylie quase a ouviu resmungar.

Assustada com esse pensamento, virou-se e olhou para a mãe.

A mãe viu a mochila de Kylie e uma ruga de preocupação apareceu entre seus olhos.

— Para onde está indo? — quis saber.

— Você disse que eu poderia passar a noite na casa da Sara. Ou estava ocupada demais queimando a cueca do papai para se lembrar disso?

A mãe ignorou a alusão ao churrasco de cueca.

— E o que as duas vão fazer à noite?

— Mark Jameson vai dar uma festa para comemorar o fim das aulas. — Não que Kylie tivesse a mínima intenção de se divertir. Graças ao fim do namoro com Trey e ao divórcio dos pais, seu verão tinha ido parar no vaso sanitário. E, do jeito que as coisas estavam indo, sem dúvida alguém passaria por lá e daria a descarga.

— Os pais dele vão estar em casa? — A mãe arqueou uma sobrancelha.

Kylie agitou-se por dentro, mas não deixou transparecer.

— Não é lá que sempre estão?

Tudo bem, era mentira. Quase nunca ia às festas de Mark Jameson justamente por aquele motivo — e era nisso que dava ser tão comportada. Agora precisava esfriar um pouco a cabeça.

Além do mais, a mãe também não tinha mentido quando o pai perguntou pela cueca?

— E se você tiver outro daqueles sonhos? — perguntou a mãe, tocando seu braço.

Um toquezinho de leve. Era tudo o que ganhava da mãe nos últimos tempos. Nada de abraços demorados, como os do pai. Nada de passeios juntas. Apenas indiferença e toques rápidos. Mesmo quando a avó materna morreu, a mãe não a abraçou — e Kylie, na ocasião, precisava muito de um abraço. Ao contrário, foi o pai que a abraçou e acabou ficando com uma mancha de maquiagem no paletó. Agora, papai e todos os seus paletós tinham ido embora.

Respirando fundo, Kylie fincou as unhas na bolsa.

— Avisei a Sara que talvez eu acorde gritando, com sede de sangue. Ela me garantiu que vai cravar um crucifixo de madeira no meu coração e me arrastar de volta pra cama.

— Acho melhor, então, você esconder as estacas antes de dormir. — A mãe tentava esboçar um sorriso.

— Farei isso. — Por um instante, lamentou deixar a mãe sozinha justamente no dia em que o pai foi embora. Bobagem. Ela ficaria bem. Nada abalava a Rainha do Gelo.

Antes de sair, Kylie olhou pela janela para se certificar de que não seria perseguida pelo cara de farda.

Achando que o terreno estava livre, cruzou a porta, esperando que a festa da noite a ajudasse a esquecer tudo de ruim que estava acontecendo em sua vida.

— Tome. Não precisa beber, é só segurar. — Sara Jetton colocou uma garrafa de cerveja na mão de Kylie e se afastou.

Dividindo o espaço com pelo menos trinta pessoas que se acotovelavam, todas falando ao mesmo tempo, na pequena sala de Mark Jameson, Kylie segurou firme a garrafa gelada. Conhecia da escola muitas daquelas pessoas. A campainha soou de novo. Sem dúvida, aquela era a festa mais quente da noite. E todos os outros alunos do colégio pensavam o mesmo.

Jameson, o veterano cujos pais pareciam não se importar com nada que ele fizesse, dava algumas das melhores festas da cidade.

Dez minutos depois, ainda sem sinal de Sara, todo mundo começou a dançar. Pena que Kylie não estivesse animada. Olhou com desagrado para a garrafa que tinha nas mãos.

Alguém esbarrou nela, fazendo com que a cerveja espirrasse em seu peito e descesse pelo decote em V da blusa branca.

— Merda!

— Ai, foi mal! — apressou-se a dizer o desastrado, constrangido.

Kylie encarou os olhos castanhos e calmos de John e tentou sorrir. Pensar que estava sendo educada com um cara legal, que andava perguntando por ela na escola, tornava mais fácil o sorriso. Mas o fato de John ser amigo de Trey diminuía muito seu entusiasmo.

— Não foi nada — disse ela.

— Vou buscar outra pra você. — Parecendo nervoso, ele se afastou.

— Não precisa! — gritou Kylie; mas, em meio à música e ao alvoroço, ele não ouviu.

De novo, a campainha. Alguns garotos se afastaram e ela pôde ver a porta. Mais especificamente, Trey entrando pela porta. A seu lado — ou grudada nele — vinha a nova namorada, toda exibida.

— Maravilha. — Olhou em volta, pensando em como seria bom se teletransportar para o Taiti ou, melhor ainda, para casa, especialmente se seu pai estivesse lá.

Pela janela de trás, avistou Sara no quintal e correu para se juntar a ela.

Sara ergueu a cabeça. Devia ter percebido o pânico no rosto de Kylie, que chegava esbaforida.

— O que aconteceu?

— Trey e sua piranha estão aqui.

Sara franziu a testa.

— E daí? Vá paquerar alguém para deixá-lo com ciúmes.

Kylie revirou os olhos.

— Não quero ficar vendo Trey e essa vadia se esfregando.

— Eles estavam se esfregando? — perguntou Sara.

— Ainda não. Mas, quando toma uma cerveja, Trey só quer saber de enfiar a mão debaixo da blusa de uma garota. Sei disso porque fazia o mesmo comigo.

— Não esquenta — disse Sara, apontando para a mesa. — Gary trouxe *margaritas*. Tome uma e vai se sentir melhor.

Kylie mordeu o lábio para não gritar que não ia se sentir melhor. A vida dela já estava um caos.

— Escuta — continuou Sara. — Nós duas sabemos que só o que você tem a fazer para reconquistar Trey é agarrá-lo e ir lá pra cima com ele. Esse cara ainda te ama. Hoje mesmo perguntou de você quando saíamos da escola.

— Você sabia que ele viria? — A traição começava a abalar a pouca sanidade que ainda lhe restava.

— Claro que não. Mas relaxa.

Relaxar? Kylie olhou para sua melhor amiga e percebeu que as coisas entre elas tinham mudado muito nos últimos seis meses. Não porque Sara, ao contrário dela, adorasse festas ou tivesse perdido a virgindade. Bem, talvez fossem as duas coisas; mas havia mais.

Kylie suspeitava que Sara queria arrastá-la para festas regadas a muito álcool. Mas para quê, se ela achava que cerveja tinha gosto de xixi de cachorro? E não tinha nenhuma intenção de transar?

Tudo bem, não era bem assim: ela *queria* transar. Com Trey, ela ficou tentada, realmente tentada, mas se lembrou a tempo da conversa com Sara, quando decidiram que a primeira vez tinha que ser especial.

Então lembrou que Sara tinha cedido às "necessidades" de Brad — Brad, o amor de sua vida — e, depois de duas semanas de pegação, esse grande amor tinha dado no pé. O que havia de tão especial nisso?

Desde então, Sara tinha se envolvido com outros quatro carinhas e transado com dois. Agora, não dizia mais que sexo era especial.

— Ei, sei que está triste por causa dos seus pais — consolou-a Sara. — Mas, por isso mesmo, precisa relaxar e se divertir um pouco. — Arrumou os longos cabelos castanhos atrás das orelhas. — Vou buscar uma *margarita* pra você. Vai adorar.

Sara foi até a mesa, onde um grupo estava reunido. Kylie fez menção de acompanhá-la, mas deu de cara com o soldado Dude, que parecia mais assustador e esquisito que antes, junto ao bando de bebedores de *margarita*.

Kylie deu meia-volta, preparando-se para fugir, mas bateu de frente com o peito de um garoto... e mais cerveja, derramada da garrafa, escorreu por entre os seios dela.

— Que maravilha! Meus peitos vão ficar com cheiro de cervejaria.

— O sonho de todo homem — disse uma voz masculina. — Mas sinto muito.

Kylie reconheceu a voz de Trey antes mesmo de ver seus ombros largos e aspirar seu cheiro tipicamente masculino. Ignorando a dor que vê-lo tão perto lhe causaria, levantou os olhos.

— Não foi nada. John já fez isso antes.

Esforçou-se para não reparar nos cabelos castanhos de Trey caídos sobre a testa, em seus olhos verdes que pareciam hipnotizá-la, em sua boca que a tentava a inclinar-se e pressionar os lábios contra os dele.

— Então é verdade — suspirou ele.

— Como assim? — perguntou Kylie.

— Você e John estão juntos.

Kylie pensou em mentir. A ideia de fazê-lo sofrer lhe agradava. Agradava tanto que a fez se lembrar do joguinho idiota que seus pais vinham disputando ultimamente. Ah, não, ela não imitaria as criancices deles.

— Não estou com ninguém — disse, e começou a se afastar.

Ele a segurou. Aquele toque e o calor daquela mão em seu cotovelo enviaram ondas de agonia diretamente ao seu coração. Tão pertinho dele, seu cheiro bom e masculino a embriagava. Ah, meu Deus, como ela gostava daquele cheiro!

— Soube de sua avó — continuou Trey. — E Sara me contou que seus pais estão pensando em se divorciar. Lamento muito, Kylie.

Sentiu um bolo na garganta. Ela estava a ponto de desabar sobre o peito aconchegante de Trey e implorar para que a abraçasse. Nada, no momento, seria melhor que os braços de Trey em volta dela; mas então viu a garota, o brinquedinho sexual dele, aproximando-se com duas garrafas de cerveja nas mãos. Em menos de cinco minutos, Trey estaria enfiando a mão na sua calcinha. E, observando a blusa curtíssima e a saia minúscula que a garota exibia, ele não teria muito trabalho.

— Obrigada — murmurou Kylie, indo para junto de Sara. Felizmente, o soldado Dude chegou à conclusão de que *margaritas* não faziam seu gênero e foi embora.

— Tome — disse Sara, tirando a cerveja das mãos de Kylie e substituindo-a por um copo de *margarita*.

O copo parecia mais frio do que o normal. Kylie inclinou-se um pouco e sussurrou:

— Viu por aí, há um minuto, um sujeito esquisito? Fantasiado de militar?

Sara fitou Kylie com um olhar de interrogação.

— Quanto dessa cerveja você já bebeu? — Sua gargalhada encheu o ar da noite.

Kylie apertou o copo gelado com mais força. Talvez estivesse mesmo ficando maluca. Misturar álcool com aquela situação absurda não devia ser uma boa ideia.

Uma hora mais tarde, quando três policiais de Houston entraram no quintal e puseram todos em fila diante do portão dos fundos, Kylie ainda tinha a mesma *margarita* intacta nas mãos.

— Vamos lá, garotada — disse um dos guardas. — Quanto mais cedo chegarmos à delegacia, mais depressa seus pais aparecerão para levá-los embora.

E foi então que Kylie não teve mais dúvidas: sua vida havia se tornado de fato uma merda. E alguém tinha dado a descarga.

— Onde está o meu pai? — perguntou Kylie à mãe quando ela entrou na delegacia. — Eu chamei o meu pai.

É só me telefonar, meu bem. Não foi o que ele disse? Então por que não estava ali para levá-la embora?

Os olhos verdes da mãe se apertaram um pouco.

— Ele me pediu pra vir.

— Eu queria o papai — insistiu Kylie. Precisava dele; seus olhos se encheram de lágrimas. Precisava de um abraço. Precisava de alguém que a compreendesse.

— Nem sempre temos tudo o que queremos, principalmente quando... Meu Deus, Kylie, como foi fazer isso?

Kylie enxugou as lágrimas do rosto.

— Eu não fiz nada. Não te contaram? Andei em linha reta pra provar que não estava bêbada. Fiz mais um teste de equilíbrio e disse o abecedário de trás pra frente. Não fiz nada.

— Acharam drogas lá — insinuou a mãe.

— Não usei drogas.

— E sabe o que *não* acharam lá, senhorita? — prosseguiu a mãe, com o dedo em riste. — Pais. Você mentiu pra mim.

— Talvez eu tenha puxado a você — disse Kylie, ainda remoendo o pensamento de que o pai não tinha ido buscá-la. Ele devia saber o quanto ela estava aborrecida. Por que não foi buscá-la?

— O que você quer dizer com isso, Kylie?

— Você disse ao papai que não sabia o que tinha acontecido com a cueca dele. Mas tinha acabado de queimá-la na grelha.

A culpa invadiu os olhos da mãe e ela balançou a cabeça.

— A dra. Day está certa.

— O que a minha analista tem a ver com o que aconteceu hoje à noite? — indagou Kylie. — Não vá me dizer que a chamou. Deus do céu, mãe, se ela aparecer aqui, na frente dos meus amigos...

— Não, ela não vai aparecer. Mas não me refiro apenas a esta noite. — Respirou fundo. — Não posso fazer isso sozinha.

— Fazer sozinha o quê? — perguntou Kylie, com uma sensação ruim no estômago.

— Vou mandá-la para um acampamento de verão.

— Que acampamento? — exclamou Kylie, apertando a bolsa contra o peito. — Não, não quero ir pra acampamento nenhum.

— O que você quer não interessa. — Empurrou Kylie na direção da porta de saída. — Interessa é aquilo de que precisa. É um acampamento pra jovens problemáticos.

— Problemáticos? Você pirou de vez? Eu não tenho problemas — insistiu Kylie. Bem, não do tipo que um acampamento pudesse resolver. Ir para um lugar desses não traria o pai de volta, não faria o soldado Dude sumir e não faria Trey voltar com ela.

— Não têm problemas? Então por que estou aqui nesta delegacia, perto da meia-noite, tirando minha filha de 16 anos da cadeia? Sim, você irá para o acampamento. Vou fazer sua inscrição amanhã mesmo. Sem discussão.

Não vou. Ficou repetindo a frase para si mesma enquanto saíam da delegacia.

A mãe podia estar maluca, mas não o pai. Ele de maneira nenhuma deixaria que a mãe a enviasse para um acampamento cheio de delinquentes juvenis. Não deixaria.

Ou deixaria?...

Capítulo 3

Três dias depois, Kylie, de mala na mão, viu-se no estacionamento da ACM, onde vários ônibus do acampamento recolhiam os delinquentes juvenis. Não podia acreditar que estava ali.

A mãe tinha conseguido.

E o pai tinha deixado.

Kylie, que só bebia uns dois golinhos de cerveja, que nunca havia realmente fumado um cigarro — e muito menos um baseado —, estava prestes a ser despachada para um acampamento para adolescentes problemáticos.

A mãe tocou seu braço.

— Acho que estão chamando você.

Não poderia haver um jeito mais rápido de a mãe se livrar dela. Kylie evitou o toque, irritada e tão magoada que já nem sabia o que fazer. Tinha pedido, implorado, chorado — nada funcionou. Iria para o acampamento. Odiava a ideia, mas não tinha outra escolha.

Sem dizer uma palavra à mãe e jurando que não choraria na frente de tantas pessoas, Kylie endireitou o corpo e caminhou para o ônibus atrás da mulher que empunhava uma placa onde se lia: ACAMPAMENTO SHADOW FALLS.

Droga. Para que tipo de buraco estava sendo levada?

Quando entrou no ônibus, os oito ou nove adolescentes que já estavam lá ergueram a cabeça e olharam para ela. Sentiu uma coisa estranha no peito e os calafrios surgiram novamente. Nunca, em seus dezesseis anos de vida, quis tanto dar meia-volta e sair correndo.

Fez um esforço para se conter e encarou... *meu Deus, o que era aquilo?*

Uma garota tinha pintado os cabelos de três cores diferentes: rosa, preto e verde-limão. Outra só usava preto — batom preto, sombra preta, calça

preta e camisa de mangas compridas preta. O estilo gótico não tinha saído de moda? Onde aquela garota se inspirou para se vestir daquele jeito? Não sabia que as cores vibrantes estavam em alta? Que o azul era o novo preto?

E havia o carinha sentado bem na frente do ônibus. Tinha *piercings* nas duas sobrancelhas. Kylie olhou pela janela para ver se a mãe continuava lá. Sem dúvida, se ela lançasse um olhar para aquelas figuras, saberia que Kylie estava no lugar errado.

— Sente-se — disse alguém às suas costas.

Kylie virou-se e viu que era a motorista. Embora não tivesse reparado antes, percebeu que ali até a motorista era esquisita. Seus cabelos grisalhos tingidos de violeta pareciam um capacete de futebol americano. Não que Kylie a censurasse por deixar as mechas espetadas alguns centímetros. A mulher era baixinha. Nanica. Kylie olhou para seus pés, quase esperando dar com botas verdes de duende. Mas não, nada de botas de duende.

Olhou para a frente do ônibus. Como aquela mulherzinha conseguia dirigir?

— Vamos, Vamos — disse a nanica. — Tenho que deixar vocês lá na hora do almoço, portanto vá andando.

Como todos os outros já estavam sentados, Kylie supôs que a mulher estivesse falando com ela. Deu alguns passos pelo corredor do ônibus, sentindo que sua vida jamais seria a mesma.

— Pode se sentar aqui comigo — disse uma voz. O garoto tinha cabelos loiros encaracolados, mais loiros até que os de Kylie, mas os olhos eram tão escuros que pareciam pretos. Deu um tapinha no assento vazio ao lado. Kylie tentou não olhar muito, mas aquela estranha combinação de claro/escuro era irresistível. Então o garoto arqueou as sobrancelhas como se... como se o fato de ela se sentar ao seu lado significasse que poderiam transar ou coisa parecida.

— Obrigada. — Kylie deu mais alguns passos, arrastando a mala, que se prendeu na fileira de assentos onde estava o garoto. Ela se virou para puxá-la.

Seu olhar se cruzou com o dele e Kylie conteve a respiração. O loiro agora tinha... olhos verdes! Olhos verdes brilhantes, muito brilhantes. Como aquilo era possível?

Engoliu em seco e observou as mãos dele. Talvez estivesse segurando uma caixinha de lentes de contato, que acabara de trocar. Nenhuma caixinha.

O jovem arqueou de novo as sobrancelhas e, quando ela percebeu que estava olhando para ele, procurou se apressar para desprender a mala.

Passado o calafrio, seguiu para assento que ela mesma tinha escolhido. Antes de se sentar, notou outro garoto atrás, sozinho. Esse tinha cabelos castanho-claros, repartidos de lado e descendo quase até as sobrancelhas escuras e os olhos verdes. Olhos verdes normais, mas a camiseta azul-clara do garoto os realçava.

Acenou com a cabeça para Kylie. Nada de muito esquisito, graças a Deus. Pelo menos, havia uma pessoa normal perto dela no ônibus.

Já sentada, olhou novamente para o carinha loiro. Mas ele não estava olhando para ela, por isso Kylie não pôde ver se a cor de seus olhos tinha ficado diferente de novo. Mas então reparou que a garota do cabelo tricolor tinha alguma coisa nas mãos.

Conteve mais uma vez a respiração. A garota segurava um sapo. Não uma rã — uma rã ainda seria admissível —, mas um sapo. Um sapo horroroso e coaxante. Que tipo de menina pintava os cabelos de três cores e levava um sapo para um acampamento? Que droga, talvez fosse um daqueles sapos com alucinógeno na pele, que as pessoas lambem para ficar doidonas. Tinha ouvido falar deles num seriado de crimes idiota da televisão, mas sempre achou que fosse bobagem. Não sabia o que era pior: lamber um sapo para ficar doidona ou carregar um sapo por aí só para parecer extravagante.

Colocando a mala no assento vazio do lado, para que ninguém se sentisse tentado a ocupá-lo, Kylie suspirou fundo e olhou pela janela. O ônibus ia muito rápido, embora ela não imaginasse como a motorista conseguia alcançar os pedais.

— Sabe como chamam quem vai para o nosso acampamento? — A voz vinha do lado do assento onde estava a garota com o sapo.

Kylie supôs que não era com ela, mas ainda assim virou a cabeça. Como a garota olhava diretamente para o seu rosto, achou que tinha se enganado.

— Quem? — perguntou Kylie, tentando não parecer nem muito simpática nem muito antissocial. A última coisa que queria era irritar aquelas aberrações.

— Os caras que vão para os outros acampamentos. São seis acampamentos num raio de cinco quilômetros em Fallen. — Com as duas mãos, ela repuxou os cabelos tricolores para a nuca e os manteve assim por alguns segundos.

Kylie notou então que a garota não estava mais com o sapo. E não havia por perto nenhuma caixa ou coisa semelhante onde ela pudesse ter guardado o bicho.

Era só o que faltava. Dali a pouco um sapo com a pele cheia de alucinógenos poderia saltar em seu colo num piscar de olhos. Não que os sapos a matassem de medo ou coisa assim. Só não queria que pulassem em cima dela.

— De "osso duro de roer" — disse a garota.

— Por quê? — Kylie acomodou os pés na beira do assento, no caso de algum sapo aparecer saltitante por ali.

— O acampamento antes se chamava Bone Creek, que significa Riacho dos Ossos — explicou a garota —, por causa de uns ossos de dinossauro que acharam no local.

— Ah — interrompeu o carinha loiro —, também nos chamam de "osso duro"...

Ouviram-se risinhos maliciosos nos outros assentos.

— Qual é a graça? — resmungou a garota de preto num tom tão irritado que Kylie estremeceu.

— Não sabe o que é ter o osso duro? — continuou o Loirinho. — Então vem cá que eu te explico.

Quando ele se virou, Kylie viu de novo seus olhos. Mãe do Céu! Estavam dourados, da cor dos olhos de um felino. Lentes de contato "radicais", sem dúvida. Só lentes poderiam produzir um efeito daqueles.

A Garota Gótica se levantou como se fosse sentar ao lado do loiro.

— Não faça isso — disse a Garota do Sapo, sem o sapo, levantando-se também e cruzando o corredor até a Garota Gótica, para sussurrar alguma coisa em seu ouvido.

— Que merda! — A Garota Gótica voltou a se sentar. Em seguida, olhou para o Loirinho e lhe apontou uma unha pintada de preto. — Nem pense em me aborrecer. Como coisas maiores que você na calada da noite.

— Alguém aí falou em calada da noite? — A voz vinha dos fundos do ônibus.

Kylie se virou para ver de quem era a voz.

Outra garota, em quem Kylie não tinha reparado, levantou-se. Tinha cabelos muito pretos e usava óculos de sol quase da mesma cor. Sua pele é que a fazia parecer anormal. Pálida. Sem cor.

— Vocês sabem por que mudaram o nome do acampamento para acampamento Shadow Falls? — perguntou a Garota do Sapo.

— Não — disse alguém na frente do ônibus.

— Por causa da lenda indígena de que, no crepúsculo, se você ficar de pé debaixo da cachoeira, pode ver as sombras dos anjos da morte dançando.

Anjos da morte dançando? Que havia de errado com aquela gente?

Kylie agitou-se no assento. Seria um pesadelo? Talvez parte de seus terrores noturnos? Afundou-se no estofamento macio e tentou acordar dos sonhos do jeito que a dra. Day tinha ensinado.

Concentração. Concentração. Inspirou fundo pelo nariz e expirou pela boca — cantarolando baixinho, ao mesmo tempo, *É apenas um sonho, não é real, não existe.*

Ou não estava dormindo ou sua concentração tinha embarcado no ônibus errado. Preferia muito mais sonhar num ônibus diferente. Ainda incapaz de acreditar nos próprios olhos, começou a observar os outros passageiros. O Loirinho se virou para ela e suas pupilas eram negras de novo.

De arrepiar. Ninguém mais ali percebia que aquilo não era normal?

Virando-se de novo no assento, olhou para o garoto que havia considerado o mais normal de todos. Seus suaves olhos verdes, que lembravam os de Trey, encontraram-se com os dela. Em seguida, ele encolheu os ombros. Kylie não sabia exatamente o que significava o gesto, mas de fato o garoto não parecia nada esquisito — o que, de certo modo, o tornava tão esquisito quanto os demais.

Kylie se recostou no banco e, tirando o celular da bolsa, começou a digitar uma mensagem para Sara. *Me ajude! Enfiada num ônibus cheio de monstros. Monstros de verdade!*

Kylie recebeu a resposta de Sara quase imediatamente: *Não, você é que precisa me ajudar. Acho que estou grávida.*

Capítulo 4

— Que droga! — Kylie olhou novamente para a mensagem de texto imaginando que ela fosse desaparecer ou esperando que uma "brincadeirinha" fosse aparecer num passe de mágica no final. Nada desapareceu nem apareceu. Não era uma brincadeirinha.

Mas espere um pouco. Sara não podia estar grávida. Isso não acontecia com garotas como ela. Garotas espertas... garotas que... Ah, bobagem! Isso acontece com qualquer garota que transa sem camisinha. Ou transa com camisinha vagabunda.

Como poderia esquecer aquele filminho da escola que a mãe lhe recomendou? Ou os folhetos que a mãe tinha levado para casa e, sem nenhuma cerimônia, deixado sobre o travesseiro de Kylie como se fossem biscoitinhos para a hora de dormir?

Um balde de água fria. Kylie voltava para casa depois de um dos encontros mais quentes com Trey, querendo reviver o melhor dos beijos excitantes e das carícias ousadas, apenas para se deparar com estatísticas de gravidez e doenças venéreas indesejadas. E a mãe sabia que Kylie só dormia depois de ler um pouco. Naquela noite, não houve doces sonhos.

— Más notícias? — perguntou alguém.

Kylie ergueu a cabeça e viu a Garota do Sapo ocupando o assento vizinho do outro lado do corredor, com as pernas junto ao peito e o queixo sobre os joelhos.

— Hum... sim... não. Quer dizer... — Queria dizer que aquilo não era da conta dela, mas ser grossa nunca foi seu forte. Bem, a menos que a pessoa realmente pisasse nos seus calos, calos que sua mãe parecia conhecer muito bem. Sara tinha dado à incapacidade de Kylie de ser mal-educada o nome de síndrome da "boa moça". A mãe chamaria de boas maneiras; mas, como

era mestra em causar reações explosivas em Kylie, achava que a filha tinha lá suas falhas nesse departamento.

Kylie fechou apressadamente o celular para o caso de a Garota do Sapo ter uma visão aguçada demais. Mas concluiu que devia se preocupar mais com a visão aguçada do carinha loiro, com seus... Virou-se para o lado dele — e ele a olhava com olhos... azuis! Bem, pelo menos uma coisa estava clara: nada ali poderia ficar mais esquisito do que já era.

— Sério, não é nada — disse, forçando-se a olhar para a Garota do Sapo sem reparar em seus cabelos multicoloridos. O ônibus freou de repente e a mala de Kylie caiu no chão. Ciente de que o loiro continuava de olho e com receio de que o assento vazio fosse um convite para ele se aproximar, apressou-se a recolocar a mala na poltrona.

— Meu nome é Miranda — sorriu a garota. Kylie notou então que, tirando o cabelo e o sapo de estimação, ela parecia bem normal.

Kylie se apresentou, olhando rapidamente para confirmar que não havia ali nenhum sapo.

— É a sua primeira vez em Shadow Falls? — perguntou Miranda.

Kylie assentiu com a cabeça.

— A sua também? — Fez a pergunta por mera educação e olhou de novo para o celular, que ainda apertava contra a barriga. Precisava responder à mensagem de Sara, dizendo... meu Deus, o que iria dizer a Sara? O que é que se diz à melhor amiga depois de ouvir que ela talvez esteja...

— Não, esta é minha segunda vez. — Miranda puxou os cabelos para cima e os enrolou no alto da cabeça. — Não sei por que me querem de volta lá. A primeira vez não me ajudou em nada.

Kylie desistiu de redigir mentalmente o texto e fixou os olhos castanhos da garota — olhos que ainda não haviam mudado de cor. Curiosa, perguntou, quase gaguejando:

— E como... como é lá? O acampamento, quero dizer. Não me diga que é uma droga.

— Não chega a ser terrível. — Soltou os cabelos, que desabaram em volta de sua cabeça como ondas negras, rosa e verde-limão. Em seguida, olhou para o fundo do ônibus, onde a garota pálida, agora de pé, inclinava-se para a frente como se estivesse ouvindo algo. — Quer dizer, se você não tem medo de ver sangue — completou, num sussurro.

Kylie deu um sorrisinho, esperando sem muita convicção que Miranda fizesse o mesmo. Mas não. Miranda nem sequer moveu os lábios.

— Você está brincando, né? — O coração de Kylie deu cambalhotas no peito.

— Não, não estou, não — garantiu ela, muito séria. — Mas talvez tenha exagerado um pouco.

Alguém limpou a garganta tão alto que o som ecoou pelo ônibus. Kylie olhou para a frente e deu com a motorista espiando pelo retrovisor. Kylie teve a estranha sensação de que o alvo daquele olhar eram ela e Miranda.

— Pare com isso! — exclamou Miranda em voz baixa, tapando os ouvidos com as mãos. — Eu não te convidei!

— Parar com o quê? — perguntou Kylie. O comportamento bizarro da garota fez com que ela se afastasse um pouco. — Não me convidou para o quê?

Miranda não respondeu; correu para a frente do ônibus e voltou em seguida.

Então Kylie chegou à conclusão de que estava errada: errada na conclusão de que as coisas não podiam piorar.

Podiam, sim. E pioraram.

Não chega a ser terrível. Quer dizer, se você não tem medo de ver sangue. As palavras de Miranda vibravam como música de filme de terror na cabeça de Kylie. Certo, a garota admitiu ter exagerado; mas, convenhamos, mesmo um pouquinho de sangue já é demais. *Para que espécie de inferno minha mãe está me mandando?*, perguntou a si mesma, talvez pela centésima vez desde que entraram no ônibus.

Nesse momento seu celular tocou e um texto apareceu na tela. Sara, de novo. *Por favor, não diga nada... você já disse.*

Kylie deixou de lado seus próprios problemas para pensar somente na melhor amiga. Os últimos meses talvez tivessem sido ruins, mas as duas eram amigas desde o quinto ano. Sara precisava dela.

Começou a digitar. *Fl sério, nem pensei nisso! Não sei o q dizer. Vc tá ok? Seus pais sabem? Vc sabe quem é o pai?* Deletou a última pergunta. Sara sabia quem era o pai, é claro. Um dos três garotos, obviamente. A menos que tivesse mentido sobre o que tinha feito com os dois últimos namorados.

Ah, meu Deus, Kylie só conseguia pensar na melhor amiga. Mesmo considerando as terríveis circunstâncias em que se encontrava — o divórcio

dos pais, a morte da avó e a perspectiva de ficar acampada com um bando de gente esquisita no "sangrento" Shadow Falls —, a situação de Sara era pior.

Dali dois meses, por pior que pudessem estar as coisas, Kylie estaria de novo em casa. Então, esperava, já teria superado o choque de perder o pai e a avó. Além disso, no fim do verão, talvez o soldado Dude não mais se interessasse por ela, desaparecendo para sempre. Mas, em dois meses, Sara estaria com a barriga do tamanho de uma bola de basquete.

Será que Sara voltaria para a escola? Nossa!, isso ia ser bem constrangedor. Para Sara, aparência era... tudo. Se sombra azul estivesse na moda, podia apostar que Sara apareceria com sombra azul antes do final da semana. Caramba, ela perdeu vários dias de aula só porque uma espinha apareceu na ponta do seu nariz! Não que Kylie gostasse de ir à escola com uma espinha gigante na cara, mas, fala sério, uma espinhazinha todo mundo tem de vez em quando.

Mas grávida nem todo mundo fica.

Kylie mal podia imaginar o que Sara estaria enfrentando.

Releu o texto, acrescentou um coraçãozinho e enviou. Enquanto aguardava a resposta de Sara, concluiu que nunca tinha se sentido tão feliz quanto agora por não ter transado com Trey.

— Dez minutos para ir ao banheiro — anunciou a motorista do ônibus.

Kylie ergueu os olhos do celular e viu a loja de conveniência. Não estava apertada, mas, como não sabia quanto tempo ainda duraria a viagem, guardou o celular na bolsa e se levantou para seguir os demais.

Mal deu dois passos e alguém a segurou pelo braço. Uma mão gelada. Kylie estremeceu e se virou.

A garota pálida olhava fixamente para ela. Ou, pelo menos, foi o que imaginou. Com aqueles óculos de sol quase pretos não dava para ter certeza.

— Você está quente — disse a garota, como que surpresa.

— E você está fria — retrucou Kylie, soltando o braço.

— Nove minutos — insistiu a motorista com voz firme, apressando Kylie.

Desceu do ônibus, sentindo o olhar da Garota Pálida às suas costas. Aberrações. Teria de aguentar aquelas aberrações durante todo o verão. Aberrações geladas. Tocou o braço no lugar onde a garota o segurara e podia jurar que o frio continuava lá.

Cinco minutos depois, bexiga vazia, voltava para o ônibus quando viu dois garotos comprando bebidas. A Garota Gótica virou-se para ela, no começo da fila. Então o cara dos *piercings*, que se sentava na frente, passou bem perto de Kylie sem dizer uma palavra. Kylie resolveu comprar chicletes e, depois de encontrar seu sabor favorito, entrou na fila. Ao ouvir alguém se aproximando às suas costas, voltou-se para ver se era a Garota Pálida de novo. Não, era o garoto dos fundos, o de suaves olhos verdes e cabelos castanhos. O que lembrava Trey.

Seus olhares se encontraram.

E ficaram assim por algum tempo.

Kylie não sabia muito bem por que ele a fazia se lembrar de Trey. Sem dúvida os olhos eram parecidos, mas havia algo mais. Talvez o modo como a camiseta caía sobre os ombros e aquele ar de... distanciamento. Trey não tinha sido a pessoa mais fácil que ela conhecera. Se os dois não tivessem sido escolhidos para ser parceiros de laboratório na aula de ciência, muito provavelmente jamais teriam namorado.

Alguma coisa naquele garoto também parecia difícil de entender. Especialmente porque ele nunca falava. Kylie já ia lhe dando as costas quando ele arqueou as sobrancelhas numa espécie de saudação breve. Seguindo seu exemplo, arqueou também as suas e só então se virou.

Logo adiante, Miranda e a Garota Pálida conversavam junto à porta, olhando diretamente para Kylie.

Estariam tramando algo contra ela?

— Só me faltava essa — murmurou.

— Estão apenas curiosas — sussurrou uma voz tão perto de seu ouvido que ela sentiu o calor das palavras no pescoço.

Olhou por cima do ombro. Assim tão de perto, podia ver realmente seus olhos e descobriu que tinha se enganado. Não eram os olhos de Trey. Esse garoto tinha pequenas estrias douradas em volta das pupilas.

— Curiosas a respeito de quê? — perguntou Kylie, procurando não encará-lo.

— De você. Estão curiosas para saber quem você é. Talvez, se se abrisse um pouco mais...

— Se eu me abrisse? — Essa é boa. Vinha se esforçando para se convencer de que ele era normal e agora o garoto começava a agir como se fosse ela a antissocial. — As únicas pessoas que falaram comigo foram o loiro, Miranda e a outra, e tratei todos bem.

O garoto arqueou para ela a outra sobrancelha. E, por algum motivo, aquilo a irritou.

— Você tem um tique nervoso ou coisa parecida? — perguntou e logo mordeu a língua. Talvez estivesse superando a síndrome da "boa moça". Sara ficaria orgulhosa. Já a mãe... bem, nem tanto.

A mãe.

A imagem da mãe de pé no estacionamento cruzou o cérebro de Kylie.

— Acho que você não sabe... — prosseguiu ele. Seus olhos se arregalaram, fazendo com que as estrias douradas parecessem faiscar.

— Não sei o quê? — perguntou Kylie, mas toda a sua mente estava concentrada na mãe. No fato de ela nem sequer ter-lhe dado um abraço de despedida. Como pôde fazer isso com a filha? Por que seus pais haviam decidido se separar? Por que coisas assim tinham que acontecer? O nó na garganta que ela tanto conhecia começou a se formar.

O garoto olhou para a porta e, acompanhando seu olhar, Kylie constatou que Miranda e a Garota Pálida ainda estavam lá. Os três já teriam frequentado o acampamento? Eram amiguinhos e ela a grande novidade do dia? A novata de quem iam pegar no pé?

A mulher do caixa resmungou:

— E, então, vai pagar os chicletes?

Kylie se virou, depositou o dinheiro no balcão e saiu sem pegar o troco. Passou de queixo erguido por Miranda e a outra garota, sem piscar. Não piscou com receio de que o tremor das pálpebras abrisse caminho para as lágrimas.

Não que a atitude arrogante daqueles caras a fizesse querer chorar. Queria chorar por causa da mãe, do pai, da avó, de Trey, do soldado Dude e, agora, de Sara. Pouco importava se aquelas aberrações gostassem dela ou não.